

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

DANDARA KAROLYNA MARTINS PEREIRA

A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO FEMININO: discussão à luz de Beauvoir e
Skinner

São Luís
2024

DANDARA KAROLYNA MARTINS PEREIRA

A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO FEMININO: discussão à luz de Beauvoir e
Skinner

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Estadual do Maranhão para a obtenção
do grau de Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Livia Janine Leda Fonseca
Rocha Costa

São Luís
2024

Pereira, Dandara Karolyna Martins

A construção cultural do feminino: discussão à luz de Beauvoir e Skinner / Dandara Karolyna Martins Pereira. – São Luis, MA, 2023.

33 f.

Monografia (Graduação em Filosofia) – Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientador: Prof^ª. Dra. Livia Janine Leda Fonseca Rocha Costa

1.Cultura. 2.Liberdade. 3.Comportamento. 4.Má-fé. 5.Seleção por conseqüências. I.Título.

CDU: 141.72

DANDARA KAROLYNA MARTINS PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO FEMININO: discussão à luz de Beauvoir e
Skinner**

Monografia apresentada ao Curso de
Filosofia da Universidade Estadual do
Maranhão - UEMA, para obtenção de grau
de Licenciatura Plena em Filosofia.

Aprovado em: 14/03/24

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **LIVIA JANINE LEDA FONSECA ROCHA**
Data: 26/03/2024 12:34:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dra. Livia Janine Leda Fonseca Rocha Costa (Orientadora)
Doutora em Psicologia Clínica
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **WILLIAM DE JESUS COSTA FREITAS**
Data: 26/03/2024 11:29:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. William de Jesus Costa Freitas
Mestre em Filosofia
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **JOSE CARLOS DE CASTRO DANTAS**
Data: 26/03/2024 21:21:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Carlos de Castro Dantas
Doutor em Filosofia
Universidade Estadual do Maranhão

À minha mãe, Maria Sandra Fernandes
Martins, e ao meu pai, Carlos Moisés Silva
Pereira.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Carlos Moisés Silva Pereira e Maria Sandra Fernandes Martins, que sempre estiveram ao meu lado dando-me apoio ao longo de toda a minha trajetória.

À minha avó, Maria das Graças Viana Fernandes, por todo apoio e afeto demonstrado.

Ao meu bisavô (in memoriam), Waldemar Leite Fernandes, por, durante todos os anos que estivemos juntos, acreditar nos meus sonhos e mostrar que o afeto marca e faz valer a pena.

Às minhas amigas, Cíntia Regina Correia, Elane Raquel Santos Rodrigues, Jessicarla Serra Azevedo e Wildmila Lima da Silva, pela amizade incondicional, apoio e acolhimento ao longo de todo o período de graduação e escrita. E, em especial, à (ao) minha (meu) afilhada (o), que foi motivo de felicidade e ânimo durante o processo de conclusão deste trabalho.

À minha orientadora, Livia Costa, por ter desempenhado tal função com dedicação.

À professora e amiga Waleska Barros, por facilitar o entendimento acerca da análise experimental do comportamento e por sua amizade.

Agradeço, também, aos meus professores e a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte do processo de elaboração deste trabalho e da graduação.

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”

Simone de Beauvoir

RESUMO

Este trabalho consiste em realizar uma investigação e traçar um paralelo entre conceitos utilizados por Simone de Beauvoir e B. F. Skinner, a fim de analisar de que maneira a liberdade da mulher é condicionada e como a má-fé, conceito de cunho existencialista, contribui. Buscar-se-á visualizar como se dá a construção cultural do feminino, e para que isso seja possível, durante o processo de escrita será tratado, no primeiro capítulo, “A seleção pelas consequências e a discussão não essencialista do feminino”, sobre as dimensões que compõem o ser humano; no segundo capítulo, “A experiência vivida e o corpo”, serão aprofundados alguns conceitos utilizados por Simone de Beauvoir, por exemplo, subjetividade, cultura, ambiguidade etc., a fim de auxiliar a compreensão do trabalho. Do ponto de vista histórico, no terceiro capítulo, “Encontro de Skinner e Beauvoir às voltas com o patriarcado”, buscar-se-á discutir e verificar se as contingências que mantêm e fortalecem o patriarcado são as mesmas que o estabeleceram.

Palavras-chave: Cultura. Liberdade. Comportamento. Má-fé. Seleção por consequências.

ABSTRACT

This work consists of conducting an investigation and drawing a parallel between concepts used by Simone de Beauvoir and B. F. Skinner, in order to analyze how women's freedom is conditioned and how bad faith, an existentialist concept, contributes. It seeks to visualize how the cultural construction of femininity occurs, so that this is possible, during the writing process, in the first chapter, "The Selection by Consequences and the Non-Essentialist Discussion of the Feminine," the dimensions that compose the human being will be addressed; in the second chapter, "The Lived Experience and the Body," some concepts used by Simone de Beauvoir, such as subjectivity, culture, ambiguity, etc., will be further explored to aid in the understanding of the work. From a historical perspective, in the third chapter, "Meeting of Skinner and Beauvoir grappling with patriarchy", an attempt will be made to discuss and verify if the contingencies that maintain and strengthen patriarchy are the same as those that established it.

Keywords: Culture. Freedom. Behavior. Bad faith. Consequences selection.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A SELEÇÃO PELAS CONSEQUÊNCIAS E A DISCUSSÃO NÃO ESSENCIALISTA DO FEMININO	12
2 A EXPERIÊNCIA VIVIDA E O CORPO	19
3 ENCONTRO DE SKINNER E BEAUVOIR ÀS VOLTAS COM O PATRIARCADO	26
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O tema do trabalho surgiu através de um percurso iniciado na graduação em Filosofia, ao fazer a disciplina "Psicologia", onde desencadeou o meu interesse pelo behaviorismo, o que me levou a pesquisar sobre e, mais tarde, ingressar em outra graduação. Após alguns meses, assistindo uma palestra, Simone de Beauvoir foi citada, e imediatamente decidi que minha monografia seria algo relacionado a ela. Durante a leitura dos livros da filósofa, pensei na possibilidade de estabelecer um diálogo entre o feminismo e a análise experimental do comportamento.

Simone de Beauvoir era uma filósofa associada ao movimento existencialista francês, que viveu de 1908 a 1986, e foi considerada uma das grandes teóricas do feminismo. Inquieta e revolucionária, rejeitou modelos e valores de sua época. Produziu obras relacionadas à filosofia, política e sociologia. Contribuiu com os estudos sobre o feminismo e na luta da igualdade de gênero. Foi adepta da teoria existencialista, onde a liberdade é a principal característica, e a má-fé é caracterizada como uma conduta de fuga. Na obra *O segundo sexo* (2016), Beauvoir discorre sobre o papel da mulher na sociedade e a opressão feminina em um mundo dominado por homens. Já o romance existencialista *Os Mandarins* (2006), retrata a sociedade francesa no pós-guerra, discutindo temas políticos, morais e intelectuais.

Burrhus Frederic Skinner foi um psicólogo que durante os anos 1953 a 1974 contribuiu com a teoria do behaviorismo de John B. Watson, adicionando elementos filosóficos na teoria psicológica comportamental. Para Skinner o comportamento humano é uma resposta às recompensas do meio externo. Seus comportamentos psicológicos são resultantes dos estímulos que recebe desde o nascimento. Skinner não negou a existência do pensamento, do autocontrole e dos processos mentais, contudo estes não eram passíveis de observação direta. Ele afirma que o comportamento é moldado segundo o mundo exterior, havendo possibilidade de alterações internas e em graus distintos. Como exemplo tem-se o experimento da caixa com a condição da mulher, mostrando que a caixa com alavancas para o rato são as imposições feitas pela família, igreja, homens, ou seja, pela sociedade em geral, para as mulheres. O que as levam a reproduzir uma série de comportamentos idealizados e considerados, por homens, como adequados, fazendo com que estas não sejam livres e não consigam se perceber como um ser de possibilidades.

O trabalho consiste em um estudo teórico, qualitativo, buscando identificar e compreender como ocorre a construção cultural do feminino, encarando não apenas alguns conceitos, e sim todo esse processo, conforme desenvolvido, em especial, nas obras: *O segundo sexo: fatos e mitos* e *O segundo sexo: a experiência vivida*, de Beauvoir, e *Sobre o Behaviorismo*, de Skinner. No decorrer do trabalho buscar-se-á analisar de que maneira a liberdade da mulher é condicionada e como a má-fé, conceito de cunho existencialista, contribui, descrever as três dimensões que compõem o ser humano: filogenia, ontogenia e cultura, aprofundar alguns conceitos utilizados por Simone de Beauvoir, por exemplo, subjetividade, cultura, condicionamento e má-fé, e apontar, historicamente, se as contingências que mantêm o patriarcado são as mesmas que o estabeleceram. Isto será feito da seguinte forma: no primeiro capítulo, “A seleção pelas consequências e a discussão não essencialista do feminino”, levantar-se-á a discussão acerca das dimensões que compõem o ser humano; no segundo capítulo, intitulado “A experiência vivida e o corpo”, serão melhor explicitados alguns conceitos utilizados por Simone de Beauvoir, por exemplo, subjetividade, cultura, ambiguidade etc., e, por fim, no terceiro capítulo, “Encontro de Skinner e Beauvoir às voltas com o patriarcado”, buscar-se-á, do ponto de vista histórico, discutir e verificar quais e como as contingências estabeleceram e mantêm o patriarcado.

Questões culturais e de gênero há anos são discutidas. Mesmo existindo a possibilidade de não ser de forma consciente, mulheres vivenciam múltiplas e importantes conquistas obtidas durante esse processo. Mas, apesar de passados todos esses anos, avanço de pesquisas, informações, quebra de preconceitos, aumento de discussões sobre o tema, conquistas etc., é de extrema importância provocar o debate. É necessário que as mulheres continuem a enxergar, analisar, perceber os erros e acertos que existem no meio que estão inseridas, tendo consciência de si e do que lhes garante respeito, autonomia, liberdade, possibilidade, a fim de provocar, estabelecer o debate, a mudança de comportamento. Este trabalho busca, assim, analisar e identificar historicamente quais contingências ainda mantêm o patriarcado e o quão importante é dar voz, escutar, estudar e respeitar mulheres em todos os espaços.

1. A SELEÇÃO PELAS CONSEQUÊNCIAS E A DISCUSSÃO NÃO ESSENCIALISTA DO FEMININO

Tendo como base o pensamento de Skinner, o comportamento humano é decorrente da interação entre variáveis concernentes a três níveis de seleção por consequências: filogenético, referente à história da espécie; ontogenético, referente à história de interação de um indivíduo com o ambiente físico e social no qual está inserido; o terceiro, o nível cultural, está concatenado com práticas grupais, que perpassam de geração em geração. Este terceiro nível de seleção trata-se do campo das contingências culturais, isto é, contingências de reforço mantidas por determinado grupo em ambientes sociais. Dito isto, sobre o comportamento social, como será explicitado adiante, é válido lembrar que a musculatura vocal da espécie humana, ao se tornar sensível ao controle operante, foi fundamental para o desenvolvimento dos ambientes sociais, ou seja, tornou possível a evolução do comportamento verbal. Comportamento este que propiciou à espécie humana desenvolver padrões comportamentais. Sejam eles de cooperação, formação de regras e aconselhamento, desenvolvimento do autoconhecimento ou da consciência etc. Sobre o comportamento verbal, será retomado, com mais profundidade, adiante, no entanto, é necessário apontar que a cultura pode ser fortalecida à medida que os grupos reproduzem determinado comportamento. Segundo Skinner (2006) o efeito no grupo é o responsável pelo desenvolvimento das culturas, e não as consequências reforçadas individualmente.

O nível filogenético trata do desenvolvimento de comportamentos e padrões comportamentais típicos de uma espécie durante sua existência. De acordo com Moore (2017), é a “contraparte comportamental da seleção natural” (p. 53) descrita por Darwin. Diante disso, é possível compreender que tais processos de variação e seleção operaram sobre os caracteres anatômicos, fisiológicos e neurológicos e, também, em padrões e processos comportamentais, por exemplo, condicionamentos respondente e operante, efetuando o desenvolvimento de um organismo que não é apenas um corpo, e sim um corpo capaz de executar. À medida que minúsculas variações, constantemente, acontecem sobre o material genético de cada componente de uma mesma espécie, são originados padrões comportamentais

inéditos, responsáveis por possibilitar a coexistência de organismos dotados de repertórios comportamentais distintos entre si.

Portanto, a seleção por consequências resulta no “desenvolvimento de uma espécie com um repertório inato – o estabelecimento de uma linhagem comportamental” (MOORE, 2017, p. 53). Skinner entende que não há significado na dotação genética, até que seja introduzida no ambiente, para que aconteça uma modificação completa. Ou seja, a seleção concebeu uma natureza vetusta. A espécie é preparada para um ambiente semelhante àquele em que foi selecionada. Em um meio de constante mudança, a bagagem genética não é capaz de acompanhar o ambiente e o organismo exhibe melindres que são pouco úteis, podendo até causar ameaça no mundo transformado. Skinner traz isso como uma falha do processo de seleção. Características morfológicas e comportamentais inatas, constituintes de um organismo, são produtos de processos de variação e seleção que ocorreram vagarosamente no decorrer dos anos. Isso posto, mesmo que processos comportamentais escolhidos pelo primeiro nível possibilitassem, de forma mais adaptativa, a interação do organismo com o ambiente, só existiria possibilidade em um mundo relativamente estável. A falha do primeiro nível de seleção, segundo Skinner, habita nesse aspecto.

No nível ontogenético, ou seja, o segundo nível de seleção, as consequências que operam como modo causal não são as associadas à sobrevivência da espécie, mas à aquisição de repertórios comportamentais individuais. A partir da sensibilidade imediata de suas ações, foi permitido ao organismo que seus comportamentos fossem controlados por aquelas consequências que são importantes para o próprio durante sua existência. Neste nível, o organismo não passa por um processo de seleção, mas, sim, seus comportamentos. O ambiente que atua como “agente selecionador” desses comportamentos acaba por ser modificado pelo próprio organismo que opera sobre ele, sendo assim, o que foi predeterminado em níveis filogenéticos não ocorre.

O condicionamento operante dá ao organismo a possibilidade de desenvolvimento de um novo repertório comportamental, ultrapassando os comportamentos inatos de sua espécie. Assim, este organismo pode vivenciar um mundo em transformação constante, tendo maior êxito e eficiência. Sendo esta interação capaz de propiciar mudanças com mais rapidez, intensidade e significado,

tanto para o ambiente quanto para o organismo. Durante o decorrer da vida, esse organismo, que é controlado pelas consequências imediatas de suas ações, obtém um repertório comportamental escolhido a partir da sua única interação com o ambiente. Este repertório, além de adaptado de acordo com as especificidades de sua história individual, é, também, infundável e singular. É, necessariamente, diferente de todos os outros adquiridos por outros membros de espécie e é ele que constitui o que Skinner chama de *pessoa* (ANDERY, 2001).

Aqui, o que é tido como falha diz respeito ao condicionamento operante. Ainda que este condicionamento aprimore e maximize as interações entre organismo e ambiente, é dependente da ação do próprio organismo para que as respostas responsáveis por construir seu repertório comportamental individual sejam selecionadas. No entanto, diante da pequenez da vida humana, não é possível adquirir um extenso repertório limitado pelas experiências vividas, ou seja, as possibilidades de interação afetiva com o ambiente são restritas. A correção dessa falha decorre da evolução de ambientes sociais e culturais e do que Skinner denomina como comportamento social, dando origem ao terceiro nível de seleção por consequências, onde o indivíduo é capaz de aprender a partir da experiência do outro, por meio de mecanismos como modelação e imitação, controlados por reforçamento operante, sem, necessariamente, entrar em contato direto com o ambiente em uma relação mecânica.

Compreende-se como comportamento social a relação indivíduo e ambiente social. Para Skinner, estímulos sociais possuem as mesmas proporções de estímulos naturais, ou seja, são de natureza física. Assim como os estímulos naturais, os sociais têm a possibilidade de apresentar função discriminativa, reforçadora e respondente. A diferença entre eles é somente uma questão originária, onde estímulos sociais são decorrentes de outros indivíduos, de comportamentos de outros indivíduos ou dos produtos desses comportamentos. Diante disso, o que se tem como ambiente e determinação é maximizado mediante concebimento do outro como mediador na relação organismo-ambiente. O outro é responsável pelo papel de ser parte do universo que afeta o organismo, determinando seus comportamentos e, conseqüentemente, o ambiente (ANDERY, 2001).

Quando se fala em terceiro nível, trata-se do nível cultural. A cultura representa um modo de controle comportamental, que é a seleção de práticas

culturais. Na proporção que os indivíduos vivem em grupo e os ambientes sociais evoluem, são originadas características, modos de agir e fazer individuais de cada grupo. Aquilo que é tido como vantajoso é adotado pelo grupo, a fim de resolver problemas com facilidade, ou seja, as práticas grupais ou culturais são reforçadas por sua efetividade para sobrevivência e qualidade de vida de grupo, e para que possa ser repassada às gerações seguintes, o que acaba por constituir o que é chamado de linhagem cultural. Neste nível, o condicionamento operante é processo fundamental. Os meios sociais e culturais têm origem e evolução a partir do que é estabelecido pelo condicionamento operante, isto é, de relações de controle que, necessariamente, envolvem mais de um indivíduo. Como exemplo, tem-se: imitação, modelação e o comportamento verbal. A existência de possibilidade de o indivíduo ter seu comportamento reforçado por integrantes de sua comunidade está diretamente ligada ao que é chamado de reforçamento social, ou seja, o que permite que cada um possa aprender por meio da experiência tida por outro. Sendo assim, tem a possibilidade de ter comportamentos independentes de sua história pessoal, podendo experimentar, de forma ampliada, o ambiente.

Para Skinner (1957), o surgimento do comportamento verbal na espécie humana assegurou o desenvolvimento deste nível, e é por meio dele que as práticas culturais são transmitidas. O comportamento verbal compreende o que é chamado de linguagem, no entanto, é um tipo diferenciado de comportamento operante, onde não envolve uma relação mecânica e direta com o ambiente. Ou seja, é um comportamento da espécie humana, criado e mantido por consequências por esta espécie. É apenas por meio do comportamento verbal que é possível falar em subjetivação, justo por dar ao indivíduo a possibilidade de ter contato com aquilo que acontece em seu mundo privado.

Pensar a discussão acerca da mulher a partir de processos de variação e seleção, da interferência dos comportamentos verbais, dos três níveis (filogenético, ontogenético e cultural), mostra que extinguir a ideia de essência feminina é defender que a noção de feminino é histórica e contingente. Beauvoir (2016), no início de sua obra, traz uma ideia que elimina a possibilidade de existência de uma essência feminina, comum a todas as mulheres ou a determinados padrões de feminilidade:

Mas antes de mais nada: que é a mulher? “*Tota mulier in utero*: é uma matriz”, diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores

declaram: “Não são mulheres”, embora tenham um útero como as outras. Todo mundo concorda que há fêmeas na espécie humana (...) e contudo, dizem-nos que a feminilidade “corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres”. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia ruge-ruge para fazer descê-la à terra? Embora certas mulheres se esforcem por encarná-lo, o modelo nunca foi registrado (BEAUVOIR, 2016, p. 9-10).

A ideia de essência feminina traz um caráter universal e a-histórico à condição feminina, tornando natural as diferenças entre homens e mulheres, as mesmas que justificam as desigualdades entre eles no decorrer da história. Assim como Skinner não explica a singularidade do indivíduo em termos de uma essência, neste caso, a mente, Beauvoir não busca esclarecer a especificidade da mulher por meio de uma essência. Isso posto, percebe-se que o antiessencialismo contido no modelo de seleção pelas consequências é compatível com a discussão não essencialista do feminino em Beauvoir. Mesmo utilizando terminologias distintas, Beauvoir e Skinner propõem uma concepção de ser humano a partir de níveis históricos, ou seja, em termos biológicos, psicológicos e sociais.

Segundo Beauvoir (2016), a presença no mundo necessita de um corpo, e a mulher dispõe de um corpo. No entanto, este corpo não é suficiente para definir e justificar a posição que a mulher ocupa em contextos sociais. Ou seja, é indispensável que haja esclarecimento acerca da dimensão biológica da mulher com sua história de vida e com a cultura que vivencia. Os dados da biologia são capazes de fornecer elementos para definir como seriam as fêmeas, não as mulheres. No entanto, não é capaz de definir, de forma universal, a fêmea, visto que não encontra critérios decisivos para isso. A fêmea, diante do macho ou de outras configurações anatomofisiológicas, é produto de uma história evolutiva que é contextual e contingente. O sexo é biológico, no entanto, apenas a partir de uma perspectiva humana é possível comparar machos e fêmeas da espécie, já que são conceitos criados pela cultura. A estrutura anatomofisiológica permite definir os indivíduos, mas é insuficiente, visto que só é possível atribuir significado a um dado fisiológico em relação a um contexto. Ao longo da obra são discutidos diferentes estereótipos de mulher e de feminino, mas, como Beauvoir afirma, o uso dos termos mulher e feminino não tem relação a arquétipos ou essências imutáveis, e sim à educação e aos costumes.

Assim como não é possível minimizar a mulher à fêmea, também não é possível defini-la pela consciência alheia de sua feminilidade. É necessário considerar a consciência de si. Para a autora, a consciência que a mulher tem de si não deve ser definida somente em relação à sua sexualidade, pois algo que é sentido sobre ela depende, também, da organização da sociedade.

É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que temos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa nesse mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana (BEAUVOIR, 2016, p. 65).

Segundo Beauvoir, quando há determinação e diferenciação da mulher em relação ao homem, e não do homem em relação à mulher, a fêmea é inessencial ante o essencial. Ou seja, enquanto o homem é tido com *Sujeito, Absoluto*, a mulher é apenas o *Outro*. Como diz Beauvoir: "O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que esse este parece destituído de significação se não se evoca ao macho..." (BEAUVOIR, 2016, p.12). Para a autora, "a separação dos indivíduos em machos e fêmeas surge, pois, como um fato irreduzível e contingente" (BEAUVOIR, 2016, p. 33). Diante disso, a fêmea, paralelamente ao macho e às demais configurações anatomofisiológicas, é produto, semelhante a Skinner, de um processo evolutivo que é contextual e contingente. Beauvoir (2016) afirma que o sexo é biológico. No entanto, apenas partindo da perspectiva humana que é possível comparar machos e fêmeas, visto que, assim como todo conceito, macho e fêmea são criações da cultura. No decorrer de sua obra, estereótipos de mulher e de feminino são discutidos.

De bom grado imaginamos a lésbica com um chapéu de feltro ríspido, de cabelos curtos e gravata; sua virilidade seria uma anomalia traduzindo um desequilíbrio hormonal. Nada mais errôneo que essa confusão entre a invertida e a virago. Há muitas homossexuais entre as odaliscas, cortesãs, entre as mulheres mais deliberadamente "femininas"; inversamente, numerosas mulheres "masculinas" são heterossexuais. Sexólogos e psiquiatras confirmam o que sugere a observação corrente: em sua imensa maioria, as mulheres "danadas" são constituídas exatamente como outras mulheres (BEAUVOIR, 2016, p. 161).

Aqui, os estereótipos não pretendem estabelecer verdades, mas descrever "o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular" (BEAUVOIR, 2016, p. 9). Segundo a autora, tal existência compreende a criança, a lésbica, a mãe, a mulher casada, a prostituta e também a mulher na velhice.

2. A EXPERIÊNCIA VIVIDA E O CORPO

Beauvoir traz, logo em suas primeiras obras, uma concepção muito mais relacional ao contrariar a noção de sujeito-absoluto defendida por Sartre. De encontro à noção comum dada à subjetividade na Filosofia, que tem origem da noção de sujeitos abstratos interpretando o ambiente ao seu redor, a autora parte de sujeitos concretos, que experimentam a vida e interpretam o mundo a partir daquilo que ela chama de facticidade (BEAUVOIR, 2016), ou seja, os dados acidentais do nascimento, por exemplo, a fisiologia, a localização geográfica, a educação etc. De forma simplista, facticidade é tudo o que integra a realidade do indivíduo, que na maioria das vezes antecede sua existência e nascimento, onde não houve direito de escolha. Tais dados acidentais, sempre e necessariamente, serão parte da subjetividade do indivíduo, moldando seus atos. É possível pensar o sujeito beauvoiriano como um determinado espaço permeável pelo mundo material e cultural. Vale ressaltar que há dois aspectos considerados na concepção de subjetividade de Beauvoir, são eles: corporificação e intersubjetividade.

A corporificação (BEAUVOIR, 2016) é uma questão essencial no pensamento de Beauvoir, colocada como central em sua reflexão filosófica: existir passa obrigatoriamente por ser um corpo. Havendo existência humana em um mundo material, sua presença nesse mundo necessita que este seja matéria. Ou seja, o indivíduo existe no mundo como corpo, que é objeto concreto da realidade objetiva e um ponto de vista em direção ao mundo. Para Beauvoir, os fatos biológicos constituem a realidade objetiva e condicionam as possibilidades de ação e das significações que o indivíduo tem em relação ao mundo e a si mesmo. Sendo assim, as diferenças sexuais não podem ser ignoradas. Em relação às demandas da espécie, cada um dos sexos tem papéis distintos. O homem fornece seu sêmen e seu corpo é mantido intacto em sua individualidade, a mulher passa pela gestação e lactação, causando mudanças em seu corpo, além, obviamente, das provocadas da puberdade à menopausa, em decorrência do ciclo menstrual. As fêmeas humanas, sendo concedido ou não, pela cultura, o direito de querer ou negar a procriação, é, sem dúvida, o ser humano que detém a fisiologia mais apta para o exercício da perpetuação da espécie. Ou seja, o sexo possui, ontologicamente, significado. Como toda característica fisiológica, faz parte da experiência vivida e executa o papel de

condicionador das ações do indivíduo e da forma como define e compreende a si mesmo.

As fêmeas humanas têm suas características biológicas com significações dadas pela cultura, a partir de propósitos sociais e políticos. A facticidade, neste caso, passa a servir como argumento para a construção de discursos e regras com o objetivo de naturalizar uma posição de subordinação com relação ao homem na sociedade. Diante disso, Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (2016), traz os dados biológicos como constituintes de uma das chaves para compreensão daquilo que é chamado de Mulher, sem, em nenhuma hipótese, permitir o estabelecimento de um destino fixo e inevitável para o indivíduo. Mulher, como categoria social, faz parte do que a autora entende como corpo social, que segue um conjunto de padrões comportamentais definidos a partir de regras de conduta social, sobre o que significa pertencer a este sexo. O tratamento e a educação que é dada a fêmea humana, desde o seu nascimento, é para que se comporte da forma que é esperada dela. É aprendido por ela que terá benefícios sociais se alcançar as expectativas de sua cultura. Receberá afeto, reconhecimento e respeito da família, colegas e professores, desde muito nova, no entanto, também será ensinada sobre quais comportamentos deve evitar e por quais será punida.

Por estar, há tanto tempo, enraizada na sociedade, esta estrutura é tida como natural, uma essência imutável e é justamente esta concepção que Beauvoir busca desmistificar em *O Segundo Sexo*, explorando a questão dos propósitos sócio-políticos. É possível afirmar que, durante os três ou quatro primeiros anos, as atitudes entre meninos e meninas são iguais. Passado o período de desmame, ambos buscam manter um estado feliz. É notório, tanto em meninas quanto em meninos comportamentos que buscam seduzir e exhibir. Desejam agradar, ser admirados. As crianças buscam, como já dito, superar o desmame por meio de condutas de sedução e exibição, no entanto, enquanto o menino é levado a ignorar essa fase e fixar-se no pênis, a menina, o ser castrado, segue a tendência de se fazer objeto. A autora, na obra citada, analisa e expõe as especificidades dos sujeitos quando compreendidos como corporificados.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam o feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre

meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o Universo. O drama do nascimento e do desmame desenvolvem-se da mesma maneira para ambos os sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres... até os 12 anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada. (BEAUVOIR, 2016, p.11-12)

Para Beauvoir, a subjetividade, também chamada de consciência, não deve ser entendida como parte separada do mundo material. É como corpo e por meio dele que o indivíduo está no mundo. O sujeito beauvoiriano é um sujeito-corpo, é matéria, faz parte do mundo e da realidade objetiva. O corpo não é uma essência estável onde o sujeito pode ser definido apenas em termos biológicos, mesmo sendo um dado natural, o corpo não possui um significado por si, é a cultura que lhe dá algum. E são essas interpretações e significações que a cultura constrói sobre os corpos biológicos que fazem parte da facticidade de um indivíduo humano, constituindo sua subjetividade.

A autora (BEAUVOIR, 2016) reconhece a intersubjetividade na construção do sujeito, como sendo indivíduo necessariamente atravessado pela cultura. Isso significa reconhecer a impossibilidade de uma subjetividade autônoma e livre de condicionamentos. Sendo assim, mesmo a subjetividade sendo vivenciada de maneira individual, não é possível concebê-la como individualmente constituída. Essa coletividade, a nível humano, é tida por meio da cultura, que é um produto humano. Ou seja, na perspectiva beauvoiriana, o sujeito, simultaneamente, constitui a si mesmo e é constituído. Sendo compreendido, logo no início de sua produção, que o indivíduo está presente em um mundo coabitado por outros, a abordagem de Beauvoir, acerca da alteridade, passa a ser mais complexa que a de seus contemporâneos. Quando a autora expõe sobre a questão da contingencialidade da vida do indivíduo, compreende que mesmo sendo um ser-no-mundo, sua presença e existência nesse mundo é contingente. A vida humana não possui significado fixo, mas o indivíduo, através de suas ações no mundo, pode tornar sua existência necessária, dando significado à sua presença no mundo. Beauvoir entende a existência como ambiguidade. O ser humano tem responsabilidade sobre o mundo, que é resultado de suas próprias ações e tem como intuito dar sentido à sua vida e

justificar sua presença no mundo. A vida é, para a autora, um processo de autossuperação.

Aqui, liberdade é subjetividade prática. A ação é tudo aquilo que preenche o ser do homem: o indivíduo só é agindo, isto é, a subjetividade deve ser entendida como liberdade. Pode ser entendida com uma liberdade prática, que se efetua na concretude da experiência vivida relacionada ao mundo e aos outros. A noção de liberdade autônoma e metafísica é recusada pela autora. O movimento de lançar-se no mundo para além de si mesmo, lançar-se às possibilidades, é tudo o que compreende a existência humana. Transcendência e imanência (BEAUVOIR, 2016) também são conceitos fundamentais, podendo ser definidos como aspectos da experiência vivida e modos de ser no mundo, sendo interdependentes e indissociáveis. No que diz respeito à imanência, o ser humano é um objeto, um dado capaz de ser superado, nada mais é que a atividade de preservação da vida, passividade e submissão à facticidade. Seria o momento primário do ser, o início que baseia e dá forma a transcendência. Sendo assim, é a superação de si partindo da realização de projetos para o futuro, é ação. A transcendência é um processo que deve acontecer ao longo da vida do sujeito, sendo uma transformação perpétua.

O ser humano é, impreterivelmente, um ser-no-mundo. Um mundo compartilhado que concede resistência e expansão do ser, e que se define como correlato à existência. É no ato de transcender que cada sujeito pode gerar espaço para que outros indivíduos também transcendam. As ações de um indivíduo podem originar ou minimizar as possibilidades de transcendência dos demais. A concepção de liberdade, para Beauvoir, não é absoluta, visto que estamos, indispensavelmente, enraizados nas relações com o mundo. Entender a ausência de autonomia na liberdade e perceber sua interdependência, faz com que seja admitida sua vulnerabilidade. Como afirma Beauvoir (2016), a opressão, além de negacear um futuro à vida do indivíduo oprimido, resume essa vida apenas à sobrevivência. É necessário lembrar uma questão destacada pela filósofa: a historicidade. O indivíduo é histórico, o que resulta no dever de reconhecer que tanto sua situação presente, quanto o desenvolvimento histórico, que é resultado das ações e decisões tomadas por si e por outros indivíduos no passado, o afetam. Ou seja, a história ainda pode ser configurada como um dispositivo que demarca a liberdade do ser humano.

A liberdade (BEAUVOIR, 2016), para a autora, perdura como potencialidade, apesar da supressão. A subordinação prescrita pelo outro é somente liberdade feita imanência, mas que pode, sempre, regressar à liberdade. É este o diferencial entre seres humanos e animais treinados, é justamente aquilo que é estritamente humano. Assim, a noção de subjetividade como sendo socialmente constituída pode ser garantida, o que torna possível evitar noções essencialistas de sujeito. É por meio de tal afirmação que Beauvoir consegue fornecer uma explicação para a opressão como combatível. O outro, sendo um fator capaz de reduzir a liberdade do indivíduo, resulta no reconhecimento da opressão como ação real. No entanto, essa liberdade permanecendo como potencialidade, garante, sempre, a possibilidade de combate à opressão. Não podendo ser feita de forma individual, mas através de organização e ação política. Enquanto potencialidade, a opressão sendo reduzida, a liberdade pode sempre dar frutos e ser reconquistada através da ação síncrona dos indivíduos oprimidos. A noção de autonomia é preservada e, em alguma medida, de liberdade absoluta, o que resulta na atribuição, ao indivíduo, de uma responsabilidade moral com relação a suas ações. Quando o indivíduo é conivente com a diminuição de sua liberdade, negando sua responsabilidade em relação às suas ações, tem-se o que é chamado de má-fé.

Mas, ao contrário de Sartre, Beauvoir compreende que nem sempre o consentimento é dado pelo indivíduo. Ou seja, a situação é imposta pelo outro. Além de não consentir, na maioria das vezes não está ciente do que acontece. Para as mulheres, como afirma Beauvoir (2016), a situação sobre elas infligida pelos homens as relega a permanecerem presas no aspecto imanente de sua experiência vivida de modo que, na maioria das vezes, elas não se dão conta disso, ou seja, não são responsáveis por isso. Não há destruição absoluta da liberdade, mas uma cessação que é efetiva e sustentada pela cultura. O oprimido é incapaz de efetivar projetos, resistir ou pensar sobre sua situação, tem a subjetividade moldada pela situação. De acordo com Beauvoir, nesta condição o indivíduo sobrevive, somente, no mais, ela exemplifica, vive num mundo infantil imediatista, onde não pensa em qualquer futuro possível.

A história pessoal do ser molda tudo aquilo que ele se torna, condicionando a sua liberdade. Partindo dessa noção, há uma sutil modificação na concepção de liberdade, isto é, não é tida apenas como uma questão de ação limitada às imposições

feitas pela situação imediata e começa a ser entendida como uma questão de ação e tomada de decisão que acontecerá nos moldes do que o indivíduo se tornou. Assim como o presente delimita e/ou molda a subjetividade e a liberdade dos indivíduos, toda a sua história, inclusive a história do mundo, da cultura, também fazem parte desse processo. Em *Os Mandarins* (2006), Beauvoir traz essa ideia de maneira perspicaz, onde o personagem principal percebe que está diante da realidade angustiante de que suas decisões, anteriormente julgadas livres, na verdade, são contaminadas por sua história pessoal e a história do mundo: elementos que compõem sua facticidade, por exemplo, ser francês, ter vivenciado o período da segunda guerra e todo o percurso do tempo, tais contextos deram forma ao que e quem ele é, como, também, condicionam possibilidades de decisões.

Através desse romance, Beauvoir exterioriza as obscuridades da experiência vivida, sendo possível acompanhar o personagem Henri se percebendo entrelaçado em dilemas em que se faz necessário passar para tomar decisões relacionadas à sua vida.

Olhou os três com admiração: “Eles não se dão conta!” Sempre as mesmas caras, o mesmo cenário, as mesmas conversas, os mesmos problemas. Quanto mais a coisa muda, mais se assemelha a si mesma. Ao morrer nos sentimos vivos. A amizade, as grandes emoções históricas, ele apreciara tudo isso devidamente. Agora, porém, tinha necessidade outra coisa: uma necessidade tão violenta, que tentar explicar-se seria irrisório. (BEAUVOIR, 2006, p.17)

Percebe-se em uma realidade histórica e política transformadora do mundo conhecido por ele e, também, a ele mesmo. Beauvoir, por meio desta narrativa, possibilita ter a percepção que toda e qualquer escolha ou ação que o indivíduo execute é condicionada pelo encontro de inúmeros fatores de sua existência, deixando nítido que fatores externos predispõem as escolhas.

Beauvoir supera a concepção de sujeito sempre e absolutamente livre para fazer suas próprias escolhas. Assim, quando a autora diz: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016, p.11), têm-se duplo sentido para o verbo tornar-se. O primeiro é de tornar-se aquilo que sua situação fez de si: um gênero, uma etnia, uma nacionalidade, uma classe social, ou seja, o indivíduo é constituído como sujeito doravante dos elementos de sua facticidade e situação. O segundo sentido é o de tornar-se aquilo que faz de si mesmo, partindo da sua condição de sujeito situado. Baseado em *Os Mandarins*, é possível afirmar que o segundo sentido está

diretamente relacionado ao primeiro: dependendo do que o indivíduo se tornou, maiores ou menores serão as chances de que ele tome estas ou aquelas decisões.

Era Natal, era a derrota alemã. E alguma coisa recomeçava. Sim, todas estas manhãs e noites que ele tinha deixado escorregar por entre os dedos, durante os últimos quatro anos, durante trinta anos, Henri tentaria recuperá-las. Não se pode dizer tudo, de acordo; mas pode-se assim mesmo tentar reproduzir o verdadeiro sabor, só dela, e é necessário dizê-lo, ou não vale a pena escrever: "Falar do que amei, do que amo, do que sou." (BEAUVOIR, 2006, p.65)

Sendo assim, mesmo Beauvoir permanecendo, em alguns aspectos, recusando aceitar o determinismo, ela assume que aquilo que o sujeito veio a se tornar a partir de sua história, dos elementos que compõe sua facticidade e sua situação passada e presente, deve ser compreendido como um fator de predisposição.

3. ENCONTRO DE SKINNER E BEAUVOIR ÀS VOLTAS COM O PATRIARCADO

O patriarcado é o conjunto de normas e contingências sociais que proporciona aos homens enorme domínio sobre os reforçadores liberados socialmente, o que significa prejuízos para as mulheres. O termo patriarcado, de acordo com Saffioti (2015), é utilizado, principalmente, com o intuito de analisar mais a fundo as características da subordinação e exploração feminina. O feminismo pode ser entendido como movimento político de luta pelos direitos das mulheres, e movimento político de emancipação das mulheres (LERNER, 2019). Segundo Silva e Laurenti (2016), a desnaturalização do papel da mulher, trazida na obra *O Segundo Sexo* (BEAUVOIR, 2016), ocorreu a partir da defesa de que o sexo biológico influencia minimamente nas diferenciações de gênero. Ainda que Beauvoir não tenha feito uma sistematização do conceito de gênero, sistematizou a diferença entre dimensão biológica e a dimensão social da mulher. Ou seja, trouxe a compreensão de que o sexo é definido ao nível orgânico pelas diferenciações fisio-anatômicas entre fêmeas e machos, e o gênero é constituído no nível social pelos diferentes papéis sociais e estereótipos de feminilidade e masculinidade. A partir do momento que o indivíduo é ensinado, levado a acreditar e reproduzir comportamentos que representam e fortalecem o sistema opressor, tais comportamentos acabam sendo naturalizados e passando despercebidos, visto que é algo construído culturalmente, logo, devido a esta naturalização, esses comportamentos deixam de ser apenas algo cultural, e passam a ser, também, uma construção psicológica. Desta forma, Skinner e Beauvoir se conectam aqui.

A análise comportamental e o feminismo possuem a compreensão de que as ações humanas são resultadas de um contexto. Sendo assim, as abordagens nos levam a refletir sobre a diferenciação fisiológica entre mulheres e homens e a desigualdade entre gêneros, que é construída no decorrer das experiências individuais e do grupo ao qual o indivíduo é pertencente. A Análise do Comportamento possibilita que as contingências ambientais sejam identificadas, levando os indivíduos a confrontarem situações opressivas. É notório como alguns papéis e funções sociais estão, há anos, ligados, diferentemente, a homens e mulheres. Sendo assim, é plausível pensar que as condições colocadas como responsabilidade da mulher, por exemplo, atividades domésticas e cuidados com os filhos, são motivações

contribuintes para que elas tenham possibilidades menores de escolhas, seja profissional ou em qualquer outra área da vida, do que os homens. Ou seja, os homens possuem maior possibilidade de escolha e crescimento de seus repertórios comportamentais. Diante disso, entende-se que historicamente os homens têm maiores chances de maximizar e sortir seus repertórios comportamentais.

De modo geral, exploração e opressão englobam pouquíssima liberdade, genuína, de escolha. Quando se fala em patriarcado, é necessário lembrar que as possibilidades de escolha não são harmônicas entre homens e mulheres, sendo possível identificar hábitos familiares onde os homens possuem maiores possibilidades de estudar e ter uma carreira profissional e mulheres são encarregadas de realizar as tarefas domésticas, como uma espécie de preparação para o casamento. Não existem as mesmas oportunidades de escolha, visto que os homens são mais livres, e as mulheres precisam fazer escolhas forçadas, ou seja, são oprimidas. Tais diferenciações levam a múltiplos repertórios comportamentais: um número maior de escolhas permite repertórios amplos, já um número limitado de escolhas resulta em repertórios restritos. É importante levar em conta, também, que a limitação de repertórios ocorre devido à falta de contingências que possibilitam a criação de respostas capazes de gerar reforçadores para as mulheres. Sendo assim, não há as mesmas condições do ambiente para homens e mulheres. As condições de exploração e opressão estão diretamente ligadas à mínima liberdade de escolha, de fato, para quem é explorado, neste caso, as mulheres, e múltiplas possibilidades de escolhas para o explorador.

Diante disso, percebe-se que, ao longo dos anos, as contingências são colocadas pelos homens, o que significa limitar as escolhas e o repertório das mulheres, fazendo com que elas permaneçam na condição de exploração e opressão. Com o repertório comportamental limitado, é mais difícil, para os oprimidos efetuarem o contracontrole e modificar a relação, ou seja, acaba sendo gerado um ciclo de retroalimentação de desequilíbrio de poder. O papel das mulheres sendo, tradicionalmente, extremamente limitado, disponibilizou aos homens enormes possibilidades de contingências de poder. As regras e contingências sociais minimizam as escolhas das mulheres.

Quando se fala em trabalhos domésticos e de cuidados com os filhos, não é considerado que as mulheres têm “predisposições naturais” para realizar tais

tarefas, como é dito nas explicações internalistas. Na abordagem analítico-comportamental, têm-se o entendimento que são inerentes à mulher, ou seja, são direcionados ao que foi definido, socialmente, como “papel” da mulher. Sendo assim, regras sociais, perpetuam, controlando comportamento de mulheres e homens na realização de tarefas. Saffioti (2015) faz uso do exemplo de que a “voz grave” do homem é um estímulo que adquire função de “autoridade”. A mulher é tida como uma rosa, delicada e que precisa de cuidados, o que acaba resultando em uma transferência de função entre os estímulos e dando origem às regras sociais que determinam comportamentos. Se de um lado, o homem precisa ter determinado comportamento frente uma mulher, elas, tendo o papel de “rosas”, têm de preservar a aparência. Pais de meninas não controlam o que é reforçador para elas, mas suas ações são baseadas em regras sociais que colocam meninas como seres frágeis, delicados. Regras e contingências sociais, além de contribuir com o patriarcado, dão forma ao repertório comportamental de homens e mulheres. Isso significa que acontece a naturalização e disseminação das contingências patriarcais dando a possibilidade de controle sobre comportamentos de mulheres, mantendo o desequilíbrio.

Beauvoir destaca a construção da mulher e a experiência vivida depois de múltiplas consequências de uma historicidade determinista. A autora destaca que a sociedade e a família que diferencia, logo nos primeiros anos de vida, os sexos. Meninos são incentivados a brincar na rua, por exemplo, o que acaba sendo uma maneira de prepará-los para uma vida livre, já as meninas permanecem recebendo atenção excessiva da mãe, sendo preparadas, condicionadas a ser mulher. O destino da menina só é atravessado por essa ausência do membro masculino por conta de como a sociedade leva a pensar numa posição de inferioridade pela falta, já que não possuir tal membro significa limitá-la a cuidar da casa, dos filhos, e a aprender a se comportar como uma mulher. Ou seja, “a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos (BEAUVOIR, 2016, p. 24)”. Dito isso, está destinada à superproteção com o intuito de passar do amparo do pai para o amparo de outro homem, no caso, o marido, sendo, assim como sua mãe, limitada.

Após passar a fase da infância, a menina é levada a “cultuar a feminilidade” (JOHANSON, 2018), de acordo com o seu desenvolvimento.

É que há conflito entre o narcisismo da jovem e as experiências a que a sexualidade a destina. A mulher só se aceita como o inessencial com a condição de se reencontrar com o essencial em sua abdição. Fazendo-se objeto, ei-la que se torna um ídolo em que se reconhece orgulhosamente; mas ela recusa a implacável dialética que lhe determina a retornar ao inessencial. Quer ser um tesouro fascinante, não uma coisa a ser possuída. Gosta de apresentar-se como um maravilhoso fetiche carregado de eflúvios mágicos, e não se encarar como uma carne que se deixa ver, apalpar, machucar: e o homem ama a mulher como presa mas foge da ogra Deméter. (BEAUVOIR, 2016, p. 100).

A autora exemplifica a busca, de homens, por mulheres fora do casamento. Prostitutas, por exemplo, que estão imersas na sociedade e podem oferecer diálogos que, para eles, são interessantes. No entanto, simultaneamente, é ignorado o fato de que as esposas detêm, igualmente, a capacidade de produzir diálogos, desde que não sejam tidas para apenas servir e tendo contato social mínimo, excluindo a possibilidade de estudar como o marido. A partir disso, surge um descontentamento, anteriormente chamado de histeria, que acaba sendo um problema social, uma percepção, não como ser possuidor de importância, mas de objeto e, além disso, sem o amor ideal que foi prometido:

O desejo de posse aborta na falta de um órgão em que possa ser encarnado. E o homem recusa o papel de passivo. Muitas vezes, de resto, as circunstâncias levam a jovem a tornar-se presa de um homem cujas carícias a comovem, mas que ela não tem prazer em olhar nem em acariciar em troca. Não se falou o bastante que, na repugnância que se mistura a seus desejos, não há apenas medo da agressividade masculina, mas também de um profundo sentimento de frustração: a volúpia deverá ser conquistada contra o impulso espontâneo da sensualidade, ao passo que no homem a alegria do tato, da vista, funde-se com o prazer sexual propriamente dito. (BEAUVOR, 2016, p. 130).

Com o envelhecimento, a mulher percebe como sua vida poderia ter sido diferente caso tivesse oportunidades distintas. Já não é um objeto erótico nem vista como uma rainha, então dedica-se às atividades que sempre teve desejo de executar, mas que não podia por causa das atividades do lar. Ou seja, parece ter vivido uma vida sem sentido, visto que não lhe foi dada oportunidade de ter as experiências que desejava.

Pensar a libertação da mulher é entender que independentemente de onde está partindo, não acontecerá se for uma tentativa individual, isolada, mas, sim, sendo coletiva. Ou seja, através de ação política, que tem como responsabilidade transformar a estrutura da sociedade. Mudanças pontuais e localizadas, ainda que

signifiquem um avanço, podem ser parciais, o que resultará em retrocesso, isolamento de grupo, logo, afastamento de uma fonte de força e potencial libertador e emancipatório. Outro ponto, além da busca por direitos e igualdade de direitos, é a busca de mudança das condições, ou seja, do produto das ações, responsável pela criação e manutenção da opressão, tornando, para a mulher, mais trabalhoso o processo de constituição de sua própria subjetividade. Mesmo reconhecendo a ambiguidade de sua condição, é possível, a partir dela, tornar-se criadora, no entanto, “Enquanto ainda tiver que lutar para se tornar um ser humano, não lhe é possível ser uma criadora (BEAUVOIR, 2016, p. 539).”

Então, aqui, trata-se das condições pelas quais a mulher se relacionará com os outros, consigo e no mundo.

A mulher livre está apenas nascendo; quando se tiver conquistado, talvez justifique a profecia de Rimbaud: Os poetas serão! Quando for abolida a servidão infinita da mulher, quando ela viver para ela e por ela, tendo-a libertado o homem - até agora abominável - ela será também poeta! A mulher encontrará o desconhecido! Divergirão dos nossos seus mundos de ideias? Ela descobrirá coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas, nós as aceitaremos, nós a compreenderemos' (BEAUVOIR, 2016, p. 539)

Diante disso, a subjetividade adquire delineamentos políticos. O corpo não é transformado em um instrumento útil, mas, sim, como um ponto de intermediação entre o querer e o poder ser no mundo.

CONCLUSÃO

Como foi exposto, o comportamento humano é resultado da interação de variáveis, neste caso, estamos falando de três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural que significa, respectivamente, a história da espécie, a história de interação do indivíduo com o seu ambiente, e as práticas grupais que perpassam gerações. O nível filogenético foca na desenvoltura de comportamentos e padrões comportamentais próprios de uma espécie. Existindo uma pequena variação no material genético de um indivíduo do grupo, são dados novos padrões comportamentais, dando a possibilidade de coexistência de organismos com novos repertórios comportamentais. No nível ontogenético são os comportamentos do indivíduo que são selecionados, e não o próprio indivíduo. É o ambiente quem faz essa seleção e é modificado pelo organismo que opera sobre ele, ou seja, aqui, não há predeterminação dos níveis filogenéticos. A respeito do nível cultural, a cultura é representante de um modo de controle comportamental, ou seja, a seleção de práticas culturais. Tudo o que for entendido como facilitador é escolhido pelo grupo, sendo assim, práticas culturais e grupais são reforçadas por sua efetividade, com o intuito de preservar a sobrevivência e qualidade de vida do grupo e, além disso, é repassada e constitui a linhagem cultural. O desenvolvimento deste nível, para Skinner (1957), foi garantido pelo surgimento do comportamento verbal na espécie humana, visto que é através dele que práticas culturais são repassadas.

Diante disso, é possível compreender que a discussão sobre a mulher, pensada tendo origem nos processos de variação, interferência dos comportamentos verbais e dos níveis filogenético, ontogenético e cultural, exclui a ideia de essência feminina e significa defender que a noção de feminino é histórica e contingente. Para Beauvoir (2016), apenas o corpo não justifica nem define a posição ocupada por mulheres em contextos sociais. É a cultura quem dá significação às fêmeas humanas, de acordo com interesses sociais e políticos. O tratamento, a educação, tudo é dado esperando determinado comportamento e fazendo entender que este ou aquele comportamento é passível, ou não, de punição. Isso sendo repassado, acaba por ser enraizado e tido como natural, uma essência imutável, e é justamente essa ideia que a autora busca desmistificar. A vida humana é isenta de significado, é o próprio indivíduo, por meio de suas ações, que torna necessária sua existência, ou seja, o

mundo é resultado de suas ações, que têm como objetivo dar sentido à vida. Dito isso, podemos entender que a vida, aqui, é um caminho de autopercepção. Pensar em essência feminina traz a noção de algo universal e a-histórico à condição feminina, o que acaba tornando natural as diferenças existentes entre homens e mulheres, ou seja, justificando desigualdades.

A liberdade é potencialidade, mesmo suprimida. Na condição de subordinação dada pelo outro é apenas liberdade feita imanência, no entanto, com a possibilidade de voltar à liberdade. E é isto que diferencia humanos e animais treinados, o que é apenas humano. A partir disso, é possível pensar uma explicação para o combate à opressão. O outro, no caso, o homem, sendo um fator de redução da liberdade do indivíduo, possibilita o reconhecimento da opressão como ação real. Mas, na condição permanente de potencialidade, a liberdade assegura a possibilidade de combate à opressão, sendo necessário ser feita de forma coletiva. Na condição de potencialidade, sendo reduzida a opressão, a liberdade se torna frutífera, podendo ser reconquistada por oprimidos em ação conjunta. O indivíduo, sendo cúmplice da diminuição de sua liberdade, nega sua responsabilidade sobre suas ações, ou seja, pratica o que é chamado de má-fé, mesmo que este indivíduo não tenha dado consentimento ou esteja ciente, sendo assim, a situação sendo imposta pelo outro. As mulheres, reféns de sua experiência vivida, muitas vezes não se dão conta da situação, logo, não podem ser responsabilizadas. A liberdade não é destruída em sua totalidade, mas é cessada, e é a cultura que sustenta tal cessação, moldando a subjetividade do oprimido.

Além da má-fé, a cultura é responsável pela opressão, visto que é ela que cria e sustenta a definição do que é ser mulher. Sem esta ideia do que é ser mulher e ensinamentos correspondentes a isso, desde os primeiros anos, meninas e meninos seriam educados com as mesmas exigências, severidades, ganhos e licenças. As meninas teriam a oportunidade de estudar e garantir, assim como os meninos, um futuro onde a igualdade seja concreta e capaz de ser afirmada em cada indivíduo, logo, repassada ao longo das gerações.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. P. A. (2001). **O modelo de Seleção por Consequências e a subjetividade**. In R. A. Banaco (Org.), Sobre comportamento e cognição - vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista (p. 196-205). Santo André: ESETEC.

BEAUVOIR, S. DE. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet., 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet., 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. **Os mandarins**. Trad. Hélio de Souza., 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

IRIGARAY, Luce. **A questão do outro**. Labrys, estudos femininos, n. 1-2, p. 1-12, 2002. Disponível em: <https://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/irigaray1.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2023.

JOHANSON, I. **Moral da ambiguidade, liberdade e libertação: filosofia e feminismo em Simone de Beauvoir**. Ethic@, Florianópolis, Santa Catarina, v. 17, n. 2, p. 239 – 257. Dez. 2018.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens**. Trad. Luiza Sellera., 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2019.

MOORE, J. **Seleção comportamental por consequências**. Revista Brasileira de Análise do Comportamento, v. 13, n. 2, p. 48-56, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani (2015). **Primórdios do conceito de gênero**. Cadernos Pagu, (12), p. 157-163. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634812>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, E. C. & LAURENTI, C. (2016). B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: **“A mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências**. Revista Perspectivas em Análise do Comportamento, Paraná, v. 7, n. 2, p. 197-211, 2016.

SKINNER, B. F. **O Comportamento Verbal**. Trad. Maria da Penha Vilalobos São Paulo: Cultrix, 1978.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. Trad. Maria da Penha Vilalobos., 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TEIXEIRA, Adélia Maria Santos et al. **O modelo de seleção por consequências a partir de textos de B. F. Skinner.** In: CRUVINEL, Adriana Cunha et al. *Ciência do Comportamento - Conhecer e Avançar.* 1ª ed. Santo André, SP: ESETEC Editores Associados, 2002.